Imagens em disputa na circulação midiatizada

Bruno Garcia Vinhola
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Palavras-chave: midiatização; circulação; imagem; Exército.

RESUMO EXPANDIDO

No contexto de uma disputa intermidiática pela construção da imagem do Exército Brasileiro durante a pacificação do Complexo da Maré, entre 2014 e 2015 no Rio de Janeiro, procura-se uma aproximação com o fenômeno da midiatização focada na incidência de seus processos na circulação. Pretende-se examinar o modo como circulou a imagem institucional, a partir de dois eixos de análise: a heterogeneidade e a transversalidade das relações intermidiáticas.

A tentativa de pacificação do Complexo da Maré foi batizada de Operação São Francisco. Atuando nesse conjunto de favelas historicamente conhecido pelo domínio do narcotráfico, o Exército Brasileiro comandou uma Força de Pacificação, com o objetivo de reestabelecer a paz social na região.

A entrada do primeiro militar na Área de Pacificação provoca as primeiras interações entre instituição e atores individuais. Nos contatos rotineiros, a imagem do Exército é posta em jogo. Ocupação, pacificação, opressão? Diferentes histórias passam a ser contadas na comunidade, tanto pelos militares quanto pelos moradores. E diferentes imagens do Exército passam a ser construídas.

Mas essa história não começou a ser contada após o desembarque das primeiras tropas. Não quando se desloca esse embate de sentidos para outro plano, o intermidiático. E nesse plano, quem conta a história do Exército na Maré? Naturalmente, seria aquele que tem capacidade para dar forma narrativa ao acontecimento, tornando-o midiático. Caberia, então, à mídia canônica (instituições midiáticas de cunho jornalístico) a tarefa de registrar o fato bruto dentro das peculiaridades de seu sistema produtivo e, a partir daí, produzir imagens, e sentidos.

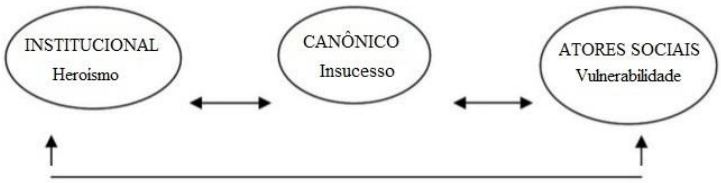
Contudo, quando o poder da construção da realidade é creditado exclusivamente à mídia canônica, está se falando da sociedade dos meios, que ficou para trás. No contexto atual da sociedade em midiatização, as tecnologias transformadas em meios (FAUSTO NETO, 2008) conferiram condições de produção a todos indivíduos. Ao fazerem usos e apropriações das técnicas e lógicas midiáticas, atores e instituições originalmente não

midiáticas se credenciam como novos produtores de sentido, participando ativamente da narrativa dos acontecimentos.

Dessa forma, parte-se em busca de indícios que contemplem diferentes processos tentativos de construção imagética inscritos nos dispositivos midiáticos. Para delimitar esse *corpus*, procede-se com a organização de tais processos pela expressividade da produção, tomando como base as lógicas do esquema prógono para análise da midiatização, de Verón (1997).

Consideram-se três instâncias e suas respectivas imagens produzidas acerca do acontecimento. A primeira diz respeito ao institucional, à imagem que próprio o Exército produz sobre sua presença nas favelas nos dispositivos por ele chancelados. A segunda está ligada às produções dos atores individuais: a imagem do Exército percebida pelos cidadãos que convivem com a rotina da operação, produções amadoras postas a circular. Por último, a imagem produzida nos dispositivos geridos sob o sistema produtivo jornalístico: o registro a partir dos critérios de noticiabilidade. A essa instância denomina-se mídia canônica.

A partir das marcas deixadas na circulação, realiza-se uma tentativa de classificar[1] essas imagens produzidas pelas respectivas instâncias, referentes a episódios específicos que compõem o acontecimento. No exemplo abaixo, as imagens produzidas por ocasião da entrada do militares na favela.



Percebe-se a heterogeneidade produtiva que circula nos dispositivos. Diferentes imagens são construídas a partir da irrupção do acontecimento, sob matrizes de interpretação concorrentes. Uma atmosfera tensional, um cenário de disputa intermidiática por conferência de sentido, envolvendo diferentes discursos postos a circular – sob a forma de imagens – acerca da atuação do Exército na Maré.

Essa concorrência entre três processos de construção imagética revela que a mediação não é mais tarefa exclusiva da mídia canônica. Isso significa que não há mais

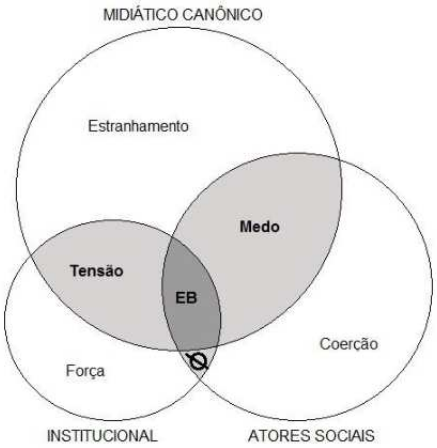
[1] A classificação das imagens é realizada na análise das estratégias de produção postas em jogo. São levadas em consideração as dimensões semio-técnica (operações textuais, plásticas, entre outros recursos empregados) e sócio-antropológica (elementos convocados das estruturas do social, revelados nas discursividades) das materialidades selecionadas.

linearidade (um para todos) na atividade discursiva. As instâncias estão reconfiguradas na ambiência circulatória midiatizada, respondendo ao mesmo tempo pelos papeis de produtor e consumidor (FERREIRA; ROSA, 2011). Uma ascensão de novos indivíduos (CARLÓN, 2013) no processo de construção da realidade que permite não apenas inscrição, mas assinatura de dispositivos midiáticos.

As imagens construídas se misturam e o atravessamento dos campos sociais segue outros movimentos. Na sociedade dos meios, apenas o campo midiático canônico teria autonomia para deslocar-se entre as fronteiras (RODRIGUES, 2000), enquanto as imagens construídas pela instituição e pelos atores sociais permaneceriam enclausuradas em seus domínios de experiência. Na sociedade midiatizada, o ambiente de fluxos estimula os contatos entre esses produtores/consumidores, gerando as interfaces produtivas (FAUSTO NETO, 2010).

Quando a conflitualidade interacional existente nas ruas da Maré é deslocada para o plano intermidiático, ela se potencializa. São mais disputantes em jogo e, com isso, mais signos construídos. As diferentes imagens do Exército seguem em um fluxo sempre adiante (BRAGA, 2012), reverberando em outras possíveis construções. Por esse motivo, faz-se necessária uma analítica mais complexa, que não fique presa aos subconjuntos e que vá além das diferenças.

Na tentativa de inscrever seus discursos, instituições e atores individuais começam a interagir com lógicas estranhas às suas, em virtude das trocas que se efetivam nos regimes de interface. Em um contexto de contínua redefinição, fluem experimentações e indeterminações (FAUSTO NETO, 2010). Quando abandonam seus domínio, os disputantes podem concorrer, mas também se aproveitar dos movimentos alheios, por exemplo: a instituição jornalística obrigada a seguir um registro amador; a instituição não midiática negocia com credibilidade do discurso canônico; o amador rouba a instantaneidade jornalística. E assim todas as instâncias amadurecem nesse jogo que, antes de ser midiático, é social. Nesse contexto, formam-se interfaces produtivas, o que torna necessária uma nova adaptação ao esquema de Verón (1997):



Para Fausto Neto (2010), essas interfaces são acoplamentos onde os discursos heterogêneos se encontram, após atravessarem fronteiras em movimentos pouco usuais antes da formação dessa nova arquitetura comunicacional. Nessa lógica impulsionada pela circulação intermidiática, a regulação do sentido é dificultada, pois as apropriações e os (re)direcionamentos são dos mais variados. Em alguns momentos, há articulações entre circuitos mais estabelecidos (o institucional como fonte para o canônico). Em outras oportunidades, há processos mais tentativos de contatos (amadores credenciam-se nas redes como vigilantes do trabalho dos militares). E ainda há os circuitos que se rompem (o institucional reivindica o discurso da mídia). Desses encontros, outras novas imagens são construídas, e as verdadeiras marcas da circulação são apreendidas.

Uma ambiência em que nenhum ator pode ficar alheio. Percebe-se que algumas estratégias respondem de maneira mais eficiente que outras, pois algumas imagens adquirem maior valor na circulação que outras. A representação acima, por exemplo, defende que a imagem produzida pela mídia canônica adquiriu maior valor no episódio da entrada dos militares na favela, por isso a representação destacada da esfera canônica. Contudo, nenhum jogador produzirá sozinho, pois a mútua afetação é característica fundamental da circulação midiatizada. Desses encontros, algo sobra. Algo que está além da disputa. Algo que também é coprodução, cujas respostas estão na transversalidade.

Imagens, discursos, realidades entre disputa e coprodução. Ainda assim, o fato da imagem institucional figurar como algo impossível de ser unicamente controlado por qualquer ator ou instituição não impede sua análise e interpretação, ou ainda o exercício de intervenções sobre ela. Em outras palavras, seria ingenuidade pensar que em meio a esse regime de disputa/coprodução nenhum ator social levaria ou exerceria vantagem nos processos de construção de imagem.

Pois nessa verdadeira profusão de imagens, algumas acabam ficando pelo caminho da circulação. Nem todas as tentativas de inscrição se afirmam, ao passo que algumas produções se mostram inabaláveis quando confrontadas por outras estratégias. Ao final da operação, poucas imagens aderiram a esse constructo maior que é a imagem institucional. E o fizeram de maneira tão sólida que acabam por restringir a aderência de outras imagens. As pistas para esse evento podem estar na processualidade simbólica.

As forças simbólicas, quando resgatados pelas instâncias que disputam a elaboração imagética, também abandonam domínios de experiências e cruzam fronteiras, ficando expostas às interações. Vulneráveis na paisagem circulatória, algumas se destacam, outros não, dependendo do contexto (MERLEAU-PONTY, 2004) em que aparecem. Para que uma força simbólica atribua valor às imagens, lógicas midiáticas estão sendo mobilizadas, sempre com foco no potencial de circulação. De acordo com Rosa (2014), a reprodutibilidade na circulação garante um valor cada vez maior para essas imagens simbólicas, tornando-as referências.

A processualidade simbólica – midiatizada - sugere um paradoxo. Em meio à potencialização das interações e à profusão de imagens produzidas, como podemos estar diante de estruturas que excluem outras possibilidades de representação, que exercem dominação? A resposta pode estar justamente nos dois eixos que trabalhamos. A heterogeneidade permite que os símbolos, disponíveis na circulação, sejam convocados por qualquer instância disputante. Ao mesmo tempo, a transversalidade faz com que o símbolo, vulnerável aos desvios da circulação, seja construído em jogo, e não apenas por um ou outro jogador. Vence a melhor estratégia para esse jogo nebuloso, que envolve, ao mesmo tempo, disputa e de coprodução.